



TEMPO EM (DES)FOQUE: A REPRESENTAÇÃO DO TEMPO NA ARTE¹

Alex Fabiano Alonso²

Resumo: O artigo em questão desenvolve parte de uma pesquisa de mestrado em andamento e que compreende o tempo como algo familiar e estranho, do qual pouco sabemos de fato. Seus inúmeros conceitos, oriundos de diferentes campos de estudo, o tornam polissêmico e, principalmente, em (des)foque. O objetivo dessa pesquisa é entender o fenômeno tempo por meio das suas representações na arte, investigando seus diálogos com outras áreas, a física e a sociologia, bem como seus modos de significação: *como ele pode ser compreendido na relação com a materialidade artística?* Para este recorte, propõe-se analisar obras que dialogam com o tema e contribuem para ampliar a nossa relação semiótica com o fenômeno. Tem-se por base, além das próprias obras, as noções de signo, semiose e representação da semiótica de Charles S. Peirce, para pensar o tempo representado na arte, o contraste entre arte e ciência, além de contribuir com a ampliação dos estudos relacionando arte e semiótica.

Palavras-chaves: Tempo. Arte. Semiótica. Polissemia.

(UN)FOCUSED TIME: THE REPRESENTATION OF THE TIME IN ART

Abstract: *The article in question develops a part of a master's research in progress and that comprises time as something familiar and strange, about which we know little. It's innumerable concepts, coming from different fields of study, make it polysemic and, mainly, in (un)focus. The objective of this research is to understand the phenomenon of time through their representations in art, investigating their dialogues with other areas, physics, and sociology, as well as their modes of meaning: how can it be understood in relation to artistic materiality? For this clipping, it's proposed to analyze works that dialogue with the theme and contribute to expanding our semiotic relationship with the phenomenon. Based on, in addition to the own works, the notions of the sign, semiosis, and semiotic representation of Charles S. Peirce are chosen to think about the time represented in art, the contrast between art and science, in addition to contributing to the expansion of studies relating art and semiotics.*

Keywords: *Time. Art. Semiotics. Polysemy.*

¹ Artigo desenvolvido originalmente para a disciplina Tópicos Especiais II do PPGEUFMS, intitulada Pensamento e poesia nas artes visuais à luz da semiótica peirciana, ministrada pela professora Eluiza Bortolotto Ghizzi, no segundo semestre de 2020.

² Mestrando no Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens da UFMS, linha de pesquisa: Práticas e objetos semióticos. ORCID ID: 0000-0002-6080-5615.

Introdução

Esse artigo desenvolve parte de uma dissertação de mestrado, intitulada A PLASTICIDADE DO FENÔMENO: o tempo, o espaço e o movimento como signos na arte visual. A fim de elaborar uma discussão que sustente as ideias aqui articuladas no que diz respeito à análise das obras, tendo por base a semiótica peirciana, trazemos conceitos de Étienne Klein (2019), Arlindo Machado (1997) e Charles Sanders Peirce (1977), entre outros.

Ao tentar compreender as questões do tempo, caímos em um dos maiores enigmas da nossa sociedade moderna. Ainda hoje, no século XXI, nós não temos um consenso do que é este fenômeno, tomado pelos gregos como um deus (saturno), contido em sua eternidade, onipresença e infinitude. O que seria isto que sentimos passar, ou que passa em/entre/por nós? Este que é familiar e desconhecido, tão efêmero em sua duração que se desfaz em uma presentificação de eventos contínuos e que aparece como tão natural que se torna despercebido?

Na tentativa de achar uma definição desse fenômeno no mundo, muitas áreas do conhecimento se mobilizaram, o que acabou por dotar o tempo de significados diversos. Mesmo as conceituações específicas em cada ciência apresentam um caráter polissêmico, associado às divergências de ideias. Dada essa variedade de formas de ver o tempo, aqui propomos compreendê-lo como um conceito em (des)foque. Para isso, mostramos a seguir algumas de suas significações a partir de ou, até mesmo, em contraste com as artes visuais, procurando entender sua representação, ou a maneira como está abarcado em algumas obras. Cabe salientar que temos noção de que há outros conceitos de tempo não desenvolvidos neste artigo, onde optamos por recortar esse tema tão abrangente em alguns poucos aspectos³.

O que é isso que passa? O tempo e a polissemia

Sem uma definição precisa do que é o tempo, alguns físicos irão dizer que tudo que possuímos dele é a experiência de tempo como aquilo que passa, embora também não haja consenso sobre se nós passamos pelo tempo ou se é ele que passa. O físico Étienne Klein (2019) nos explica o conceito de tempo por meio da noção de universo-bloco: propõe imaginar que estamos em um trem e avistamos a paisagem “correr” do lado de fora. Nessa situação, sabemos que, na verdade, não é a paisagem que se

³ O projeto de mestrado ao qual esta pesquisa está associada deverá desenvolver essas abordagens de modo mais completo.

movimenta, mas o trem dentro do qual estamos; e que este, por sua vez, está parado em relação a nós. Isso coloca em xeque o que sabemos sobre o tempo. Será que a nossa sensação de um tempo que passa não precisaria de um referente? Ele passa com relação a que? Qual o motor que faz o tempo passar? Nós não podemos responder a estas questões com a física atual, ou qualquer outra área do conhecimento, como explica Klein (2019), mas podemos refletir a partir delas, como fazemos neste artigo.

Klein (2019) afirma que a sobreposição de características nas muitas tentativas de definição do tempo são como piruetas e trocadilhos; ao invés de o definir, estamos apenas “correndo sem sair do lugar”. Levando em contas as variadas características, “Parece que só se pode dizer o que o tempo é a partir de suas próprias metáforas e imagens, com as quais a história das ideias o vem confundindo.” (KLEIN, 2019, p.13). O fato é que, no processo de compreender cada vez melhor o tempo, estamos sempre ampliando o seu espectro de definições, passando de uma ideia a outra como: movimento, transitoriedade, mudança, passado etc., e conectando seus sentidos através daquilo que experienciamos com ele. As inúmeras áreas do conhecimento vão associar o tempo a ideias que têm significado internamente, como o são as definições de tempo na sociologia, na psicologia, na física, na história etc., caminhando para a polissemia do signo, em uma ampla variedade de “definições” que, todavia, deixam em aberto a pergunta inicial deste texto: *O que é isso que passa?*

A esta altura, o leitor já pode imaginar que não podemos responder a essa pergunta. No entanto, a filosofia é sempre um bom campo para se dissecar os pensamentos e fazer brilhar uma fagulha de ideia, neste imenso mar que é o desconhecido. No passado, Santo Agostinho (1999), que compreendeu o tempo em uma divisão de passado, presente e futuro, no seu livro *Confissões*, ponderava: “Se ninguém me pergunta, eu sei; se quero explicá-lo a quem me pede, não sei” (AGOSTINHO, 1999, p. 322). Agostinho fazia elucidar, assim, o caráter de familiaridade e naturalização do tempo na nossa experiência cotidiana, que nos faz percebê-lo como diluído, sendo justamente esta relação íntima que partilhamos com ele o que faz com que não o enxerguemos, que ele pareça se desfazer, se esvaír, não permitindo pegá-lo. E ainda que hoje tenhamos muitas definições da física e de outras ciências sobre o que seja o tempo, no dia a dia ainda temos dificuldade de definir o que ele é. Talvez o tempo seja sempre assim, um conceito em (des)foque.

A física, tal como a filosofia, sempre tenta nos trazer respostas para as coisas no mundo, embora limite-se ao fisicamente experienciável. Negando o tempo absoluto

de Newton⁴, Albert Einstein vai pensar a “Teoria da Relatividade Restrita”, em seu artigo “Sobre a eletrodinâmica dos corpos em movimento”. Nesse artigo, Einstein (apud REIS, 1994: p. 25), ao relacionar o tempo e o espaço⁵, nos diz que o tempo “é a medida relativa do movimento”. E que, então, o tempo variaria de acordo com as condições do observador de repouso ou de movimento. A partir do movimento do observador, desenvolve-se também uma ideia de dilatação no tempo, com viagens na velocidade da luz (299.792.458 m/s). Como resultado, o tempo próprio⁶ dos tripulantes de uma nave passaria mais devagar em relação ao tempo daqueles que ficaram na terra. A dilatação do tempo criaria tempos próprios, diferentes em sua passagem. A diferença entre os tempos próprios seria percebida ao voltar, quando os tripulantes estariam mais novos do que aqueles que ficaram na terra.

Já dentro do universo da Arte, os artistas irão trabalhar com a noção de tempo a partir de diversas significações, evidenciando uma complexidade sógnica variável conforme os recortes espaciotemporais que se faça. As obras poderão representá-lo por meio de narrativas ou de qualidades formais, por exemplo, explorando diferentes possibilidades para significá-lo. E é o fato de o tempo ser continuamente objeto de pesquisas e atualizações conceituais que torna este fenômeno inspirador para a arte e, também, para o nosso artigo. Mas, vejamos como as questões do tempo aparecem em algumas obras da história da arte. Que aparência tem este fenômeno?

Que aparência tem o tempo? A representação na arte

Uma das obras mais emblemáticas sobre o tempo é a imagem do deus Saturno, uma clássica interpretação a partir da ideia grega do tempo personificado, representada muitas vezes durante a história da arte, o que a torna indispensável para este artigo. A obra de Peter Paul Rubens, *Saturno devorando seus filhos* (Fig.1), além de amplamente conhecida, foi escolhida pela fidelidade com a iconografia de Saturno, que orienta representá-lo com uma foice:

Saturno aparece na maioria das vezes como um velho lento e doentio, geralmente de aparência rústica. A foice comprida ou foice curta é muitas vezes substituída por uma enxada ou pá, até mesmo quando ele é representado como um rei com um trono e coroado; e esta pá tende a se

⁴ Einstein compreende que não é o tempo que é absoluto, mas a velocidade da luz.

⁵ O espaço e o tempo são dimensões com medidas equivalentes em escalas diferentes.

⁶ Conceito entendido como tempo ou intervalos de tempo inferidos por um relógio posicionado de forma estática na origem do referencial adotado. Ou ainda como tempo particular do referencial.

transformar em uma bengala ou muleta, indicando velhice e decrepitude geral. (PANOFSKY, 2001, p. 119-120, tradução nossa)⁷

Fig. 1: Peter Paul Rubens. Saturno devorando seus filhos⁸. Óleo s/ tela. 182 cm x 87 cm, 1636.



Fonte: *Museu do Prado, Madri, Espanha, 2020.*

Nessa obra, pode-se perceber uma predominância de cores escuras, neutras e dessaturadas com o uso de pretos, beges, marrons e cinzas, que são propícias ao efeito de morbidez e de um estado de terror, na combinação com os elementos figurativos. O branco surge para iluminar e, assim, fazer saltar a posição inclinada das figuras, sugerindo a ideia de movimentação dos personagens. O uso de pinceladas em vermelho atrai a nossa atenção para determinados pontos da cena. A textura indica uma pincelada grossa, mas ainda assim mantendo sua figuratividade. Em sua composição, o pintor centraliza as pessoas na cena, embora o acontecimento principal esteja em um recorte do quadrante superior direito, chamado na linguagem visual de ponto aguçado. Nesse ponto, há uma maior atenção do espectador em relação aos demais quadrantes quando o olho corre sobre a tela, e é justamente aqui que se encontra o clímax da tela de Rubens.

⁷ “Saturno aparece la mayor parte de las veces como un viejo lento y enfermizo, con mucha frecuencia de aspecto rústico. Frecuentemente se sustituyen la guadaña o la hoz por un azadón o una pala, incluso cuando se le representa como un rey con trono y coronado y esta pala tiende a transformarse en un bastón o muleta que indica la vejez y decrepitud general”.

⁸ Por motivos de espaço, a imagem foi recortada na parte superior e inferior. A imagem completa pode ser vista neste link: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/dd/Rubens_saturn.jpg

Assim, é possível perceber um homem, mordendo uma criança que está em desespero, dado o caráter assustado de sua face, com olhos e bocas bem abertos. Em segundo plano nota-se um ambiente escuro com nuvens pretas, o que pode indicar que é noite e sugerir qualidade de mistério ao intérprete.

O nome reitera a iconografia do deus Saturno devorando seus filhos e a associação entre a obra e a mitologia, que fica assim acessível ao observador familiarizado de algum modo com ela. A partir dessa obra, propomos pensar a simbolização do tempo criada pelos gregos. Em sua mitologia, Cronos, ou Saturno para os romanos, seria o deus da dissolução, agricultura, geração e renovação, mas principalmente da destruição. Com sua foice, tudo pode ceifar. Nada pode permanecer no tempo, mas deve passar com ele, nele, por ele, entre ele. E, neste processo, os metais oxidam, a vela acesa acaba, as pessoas e os objetos envelhecem. Por isso, também, representamos a personificação do tempo como um homem de aparência idosa, com rugas e cabelos grisalhos, como no quadro de Rubens. A criança pode ser considerada simbolicamente a humanidade que não só é filha desse deus, mas percebe, experiencia e tenta entender aquilo que passa (o tempo). A ideia é que estamos sempre sendo consumidos por ele, a cada segundo que escorre, porque nascemos, crescemos e morremos, neste que é o processo cíclico do tempo; o fenômeno de mudanças que possibilita e põe fim a tudo que existe, mas que também dá início a novas coisas e eventos. Sobre o caráter cíclico e reversível do tempo (Alfredo Bosi 1992, p. 27) nos lembra que:

O tempo em que se dizem os mitos e o tempo em que se cultuam os mortos também se caracterizam por ser uma *com*-posição de recorrências e analogias. A sua nota principal é a reversibilidade. Reversibilidade que é estrutural, pois abraça retornos internos. E reversibilidade que é histórica, pois as suas formas voltam e se transmitem de geração a geração. É uma lógica que parece reproduzir os movimentos cíclicos do corpo e da natureza. A reiteração dos movimentos, *feita dentro do sujeito*, faz com que este perceba que o que foi pode voltar: com essa percepção e com o sentimento da simultaneidade que a memória produz (recordo *agora* a imagem que vi *outrora*) nasce a ideia do tempo reversível.

Pensando na constante presentificação do tempo, Etienne Klein (2019) irá se opor à simbolização/culturalização de um tempo velho, como o representado no quadro de Rubens, considerando que, se o tempo é isto de que estamos rodeados, e que nos traz a todo instante atualizações do futuro (do qual ele está na frente), ele não é a coisa mais velha do mundo, mas sim o que há de mais fresco, novo, presente, atual e inédito.

O tempo é o agora que perdemos entre os dedos. Assim como nas palavras de Aristóteles (apud REIS, 1994: p. 27): “por um lado ele foi e não é mais, por outro ele vai ser e não é ainda”. O tempo de Klein é aquilo que perdemos a todo instante, que passa despercebido e sobre o qual nada podemos fazer. É experiência de duração e continuidade. É criação e destruição. Dentro da história da Arte, a ideia mitológica de Cronos e suas características de um tempo como processo/ciclo, velho ou novo, tem influenciado artistas de diferentes épocas.

Já na atualidade⁹, Arlindo Machado, um pesquisador na área do vídeo, cinema, fotografia e semiótica, irá propor uma materialização da quarta dimensão (o tempo), em uma metáfora das ideias da relatividade de Einstein. Seu conceito surge com base na *anamorfose* de Baltrusaitis, introduzido na arte do século XVII, e que “consiste em relativizar ou ‘perverter’ os cânones mais rígidos da perspectiva geométrica do Renascimento” (MACHADO, 1997, p. 49). Ele também especifica que a anamorfose à qual ele se refere é do tipo *cronotópica*, referindo-se a deformações resultantes da inscrição do tempo na imagem, noção derivada da teoria de Mikhail Bakhtin. Segundo Machado, a quarta dimensão de Einstein seria possível pelo seu efeito de indissolubilidade com o espaço. Tal ideia, como relata Machado (1997, p. 50), pareceu ser extremamente rica a Bakhtin, que encara:

[...] o tempo como uma categoria que tem uma expressão sensível, que se mostra na matéria significativa e que pode, portanto, ser modelada artisticamente. Em termos estritamente semióticos, o tempo surge então como um elemento transformador, capaz de abalar a própria estrutura da matéria, de comprimi-la, dilatá-la, multiplicá-la, torcê-la até o limite da transfiguração.

Na imagem a seguir (figura 2) pode-se ver tal fenômeno em uma obra produzida pelo primeiro autor deste artigo, junto com a artista visual e arquiteta Carolina Castro, durante a graduação em Artes Visuais, como um exercício com esse conceito, tendo sua relevância pela marcação indicial do tempo, por meio da “matéria elástica” da fotografia.

⁹ Cabe observar que estamos cientes de que há um pulo abrupto da obra barroca de Peter Paul Rubens (pintada em 1636) para a fotografia contemporânea (2018); e embora isso se faça também em face de criar um contraste, para mostrar que em diferentes tempos e espaços mudam as influências, variando e assim ampliando as significações do tempo na arte, o que pode ser visto como uma “evolução” na cultura, uma outra razão para esse corte é o limite de espaço imposto para este artigo.

Fig. 2: Alex Alonso e Carolina Castro. *Sem título*. Fotografia. 2018.



Fonte: *Arquivo pessoal, Campo Grande, 2021.*

O que se percebe são cores e formas bem saturadas e que tendem para uma composição horizontal muito abstrata. O brilho da luz branca invade a cena com rastros largos e vazios, sem qualquer outra qualidade de cor, textura etc. A imagem no todo é muito plástica e se assemelha às que resultam da técnica fotográfica de *light painting*¹⁰, mas com a diferença que no *light painting* desenha-se com uma luz em frente à câmera, que fica parada em um tripé, não deixando os objetos em segundo plano progredirem na cena, como na figura 2. Tanto na proposta de Machado, quanto no *light painting* é usado a longa exposição como inserção de tempo, embora na primeira técnica o tempo apareça como índices e símbolos na fotografia (por meio das figuras elásticas) e na segunda ele se mostre mais como uma pausa, sendo menos observável.

A fotografia, de um modo geral, produz uma *suspensão do tempo*, ou seja, de congelamento da imagem em instantes mínimos. Nas fotografias em geral, a ideia é eliminar signos do tempo com obturadores extremamente rápidos. Mas, ao contrário disso, aqui estamos inserindo signos do tempo e, para isso, abrimos o obturador, o que tem um poder desestabilizador da imagem e, conseqüentemente, deformante, responsável pelas linhas que marcam as luzes “elásticas”. Desta maneira:

Se considerarmos a imagem como ocupação de um espaço (que pode ser bi ou tridimensional) por formas de cores e texturas variadas, o tempo ocorre aí como uma força geradora de anamorfozes, liquefazendo os corpos para “derramá-los” num outro topos, num crono-topos, portanto,

¹⁰ Termo que descreve a técnica fotográfica de mover uma fonte de luz ao tirar uma fotografia de longa exposição.

num espaço-tempo. Materializado no espaço, o tempo se mostra como um efeito de superposição ou de percurso dos corpos no espaço, “onde os momentos sucessivos se tornam co-presentes em única percepção, que faz desses momentos sucessivos uma paisagem de acontecimentos” (VIRILIO, 1990, p. 81 apud MACHADO, 1997, p.50).

Então, se fixa na foto aquilo que antes era suprimido pelo controle do obturador (o movimento da luz sobre o objeto), o que agrega à imagem o sentido de que ela “escorre” com o tempo, mais do que o de que ela “pausa” o tempo. Como efeito, os objetos parecem se esticar em uma forma elástica. É como se fosse o momento se desenrolando em um intervalo do *continuum*. O passar do tempo registrado diante de nossos olhos. O tempo (Cronos) deformando a materialidade daquilo que existe no espaço, carregando com ele os objetos ao varrer o espaço. A imagem que se tem, tem também o sentido de uma evolução dos objetos no percurso do tempo. Observa-se o tempo pelo seu caráter modelador, que distorceu os objetos em cena. Todos visualmente esticados para parecerem durar no espaço, traduzindo visualmente o decorrer do tempo. Os objetos parecem sair de um ponto se alongando até outro, tal como marcados na foto pelas formas “elásticas” de luz. O tempo é significado pelas distorções.

Longe do quadro de Rubens em que o tempo era cíclico e simbolicamente representado por uma iconografia figurativa, personificado, sugerindo que ele teria até mesmo consciência de seus atos, a fotografia que se obtém pelo controle do obturador, tal como a mostrada na figura 2, tem o poder de registrar na imagem uma passagem linear de tempo, além de algo em movimento. Passa-se de uma abordagem simbólica a uma abordagem indicial do tempo na arte, fazendo alusão aqui aos conceitos de símbolo e de índice em Peirce, o que se poderá analisar com mais detalhes em outros desenvolvimentos da pesquisa de mestrado a que nos referimos no início deste texto.

Conclusão

Percebe-se que, de uma maneira geral, a física, a filosofia e a arte aproximam-se na busca por compreender a realidade e, embora de modos distintos, utilizam-se de novas ideias para a solução de seus problemas, como forma de atualizar a caixa de velhos pensamentos. A história da arte também permite observar que os artistas, em seu processo criativo, se utilizam de conceitos de outras áreas em suas propostas artísticas, na busca de tencionar e ampliar um debate ou propor experienciar um fenômeno. A arte está apta a dialogar com todos os conceitos e conhecimentos que fazem parte do processo social e cultural das manifestações humanas. Assim, faz sentido o tempo na

arte, diga-se, nas obras de arte, não ser um, mas vários. Não tendo uma única solução visual, mas podendo ser tão variável quanto a criatividade humana para pensá-lo, como mostra este nosso breve recorte sobre a representação do tempo na arte, que pertence a um enorme espectro de ações artísticas, do qual só aludimos a um “ponto do iceberg”, como forma de sugerir pensar mais sobre o tema.

Referências

AGOSTINHO, S. **Confissões**, tradução de J. Oliveira Santos, S.J.; e A. Ambrósio de Pina. S.J., São Paulo: Nova Cultural Ltda, 1999.

KLEIN, Étienne. **O tempo que passa(?)**. Tradução de Cecília Ciscato. São Paulo: Editora 34, 2019. 72 p.

MACHADO, Arlindo. A quarta dimensão da imagem. In: MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas e pós-cinemas**. 1 ed. Campinas: Papyrus, 1997, cap. 1.

BOSI, Alfredo. O tempo e os tempos. In: NOVAES, Adauto (org.). **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

PANOFSKY, Erwin. **Estudios sobre iconología**. Madrid: Alianza Editorial, 2001. 392 p. Prologuista: Enrique Lafuente Ferrari.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 1977.

REIS, José Carlos. **Tempo, história e evasão**. Campinas: Papyrus, 1994.